



**Defasagem.** Alunos assistem a aula em uma escola pública em Parintins, no Amazonas; Estado está entre os que concentram escolas que recebem crianças de classes sociais baixas

# Alunos de baixa renda recebem menos conteúdo

Dados de avaliação de escolas públicas mostram que só 1 em cada 6 unidades com estudantes mais pobres dão 80% da matéria prevista

**Mariana Mandelli**

Apenas uma em cada seis escolas públicas do País que recebem alunos de classes sociais mais baixas consegue cumprir mais de 80% do conteúdo previsto para o ano letivo. Já entre as unidades escolares onde estudam as crianças de nível social mais elevado, essa taxa sobe para 45,2% — ou seja, metade das escolas que têm as matrículas de alunos com melhores condições socioeconômicas conseguem cumprir quase todo o currículo.

Os dados fazem parte de um tabelamento dos microdados da Prova Brasil 2007 feito pelo pesquisador Ernesto

Martins Faria, do site Estudando Educação (estudandoeducacao.com). Os dados de 2009 ainda não foram divulgados e não há previsão de publicação.

Faria levou em conta os questionários socioeconômicos que compõem a avaliação (*mais informações nesta página*). Foram consideradas todas as 47.976 escolas que fizeram a prova. Delas, 11.994 têm alunos com condições socioeconômicas precárias matriculados.

A maior parte dessas escolas se situa nas Regiões Norte e Nordeste do País. Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Para-

● **Disparidades**  
**26,4%**  
das escolas com alunos mais carentes cumprem de 40% a 60% do currículo

**9%**  
é a taxa das escolas com alunos de melhor nível socioeconômico

ná, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins têm pelo menos uma escola pública com esse perfil.

Para Faria, a situação é preocupante porque os alunos que são atendidos nessas escolas são jus-

tamente os que chegam mais defasados. “São esses que mais necessitam de atenção porque, normalmente, vêm de famílias em que os pais têm escolaridade baixa”, explica.

Para ele, o contexto se agrava porque essas escolas são aquelas que não apresentam uma infraestrutura de qualidade — geralmente, não têm grandes bibliotecas, prédios em condições adequadas e boas equipes pedagógicas. “O aluno precisa estudar numa escola onde ele sinta que há incentivo. Não é o que acontece numa escola que não dá todo o conteúdo programado.”

**Problemas.** O não cumprimento do currículo escolar nesses colégios pode ter origem em diversas fontes, segundo os especialistas. As faltas dos alunos são apontadas como um dos fatores e podem ocorrer por diversos motivos, como a dificuldade de acesso ao colégio — em municípios do interior do País, por exemplo — e as condições ruins de infraestrutura da escola — que não são suficientes para garantir as aulas.

“É claro que entre o que está programado e o que é cumprido existe sempre uma diferença”, afirma Ocimar Alavarse, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). “Mas existem escolas onde faltam luz e cadeiras.”

O absenteísmo dos docentes também aparece entre as possí-

veis causas. “As escolas situadas nas regiões mais pobres têm mais dificuldades para atrair e manter professores”, afirma Alavarse. “Tudo isso pesa no conteúdo a ser desenvolvido.”

Antonio Batista, coordenador de desenvolvimento de pesquisas do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), chama a atenção para o fato de que o Brasil não tem um currículo único — ou seja, cada cidade e Estado tem suas próprias programações de conteúdos.

“Em tese, o não cumprimento do currículo significa menos conteúdo e um cerceamento do direito da criança a uma aprendizagem de qualidade”, afirma. “Apesar disso, em certos casos, cumprir todo o currículo não implica necessariamente que a criança aprenda tudo, porque, para alcançar a abordagem completa de currículos muito extensos, o ensino pode se tornar muito superficial ou sobrecarregar a criança de informações.”

Para os pesquisadores, procurar soluções para resolver o quadro passa por meios que fixem o professor nessas escolas. “Em vez de dar bônus, o melhor seria investir na melhoria da infraestrutura e dar adicionais a esses docentes dentro de uma política de carreira”, afirma Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

## PARA ENTENDER

### São 4 faixas de renda

A pesquisa dividiu as escolas que participaram da Prova Brasil em quatro faixas de renda, de acordo com a quantidade de bens que os alunos declararam possuir — como TV, rádio, carro e geladeira, por exemplo. Entraram também nessa conta o serviço de empregada mensalista e a quantidade de banheiros de cada casa.

A somatória de todos os itens deu uma pontuação a cada aluno, que foram divididos em quartis de acordo com a classe socioeconômica.

A Prova Brasil avalia, de dois em dois anos, os alunos de 5.º e 9.º anos do ensino fundamental da rede pública. Além das questões de matemática e língua portuguesa, os estudantes respondem a questionários socioeconômicos que podem ser associados ao desempenho deles na avaliação. Professores e diretores também respondem a questionários.

## ENTREVISTA

**Kazuhiro Yoshida**, pesquisador e professor do Centro de Estudos para a Cooperação Internacional em Educação da Universidade de Hiroshima

# ‘Além de pôr na escola, é preciso avaliar aprendizagem’

Para japonês, Brasil deu apenas o primeiro passo ao universalizar o acesso de crianças ao ensino fundamental

**Carlos Lordelo**  
ENVIADO ESPECIAL / CURITIBA

Kazuhiro Yoshida viaja o mundo para contar os segredos do sucesso do sistema educacional de seu país, que colocou todas as crianças na escola no início do século 20. Professor da Universidade de Hiroshima, ele aponta cinco motivos para o destaque do Japão em avaliações internacionais, entre eles o número de horas que os alunos dedicam aos livros e a paixão dos professores pela profissão. Ele esteve este mês no Brasil para o encontro internacional de educação Sala Mundo Curitiba. Depois de sua palestra, conversou com o Estado.

● **O que o Japão pode ensinar ao Brasil sobre educação?**  
Vocês podem aprender conosco, mas precisam saber



**Objetivos.** Yoshida falou durante o Sala Mundo Curitiba

que o contexto e a motivação para o desenvolvimento do nosso sistemas educacionais são diferentes, em termos históricos, sociais e culturais. No Japão, o governo pensou que era importante educar a população como um marco da fundação de um Estado nacional. No início do século passado, universaliza-

mos o acesso à educação básica. Olhando da perspectiva das pessoas, elas querem estudar para melhorar a qualidade de vida. Do lado do desenvolvimento industrial, os empresários esperam que a educação forme recursos humanos para o trabalho. Então tudo depende do que vocês querem da educação.

● **Conseguimos universalizar o acesso ao ensino fundamental só nos anos 1990. E agora, quais desafios temos pela frente?**

Universalizar o acesso é apenas um aspecto do desenvolvimento educacional. Não adianta todo mundo ir para a escola se você não avalia o quanto as crianças aprendem. A questão demanda políticas públicas adequadas ao contexto brasileiro da desigualdade social. É preciso, por exemplo, compensar os pais pelo custo de enviar seus filhos para a escola.

● **Qual o papel dos pais na educação dos filhos?**

Fundamental. Além de matricular as crianças, o mais importante é encorajá-las a estudar e não forçá-las.

● **De que maneira?**

Saia de casa e exponha seu filho aos mistérios da natureza. Ou sente-se com a criança e leia livros interessantes. Depois, faça algumas questões, pergunte o que ele acha.

● **Por que os asiáticos são tão bons em matemática?**

Nós queríamos dominar essa habilidade, necessária no dia a

## QUEM É

\* **Mestre em Filosofia do Desenvolvimento pela Universidade de Sussex (Inglaterra), é professor da Universidade de Hiroshima, onde pesquisa sistemas educacionais. Representa o Banco Japonês para a Cooperação Internacional, organismo de apoio ao desenvolvimento socioeconômico.**

dia. Tivemos uma condição histórica que permitiu a todo mundo ter acesso à educação básica. Não surpreende que as pessoas quisessem aprofundar o aprendizado. E o Japão desenvolveu um sistema avançado de ensino de matemática. E se adaptou aos modelos ocidentais.

● **A China teve o melhor desempenho no Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) de 2009. Qual o segredo?**

Cada país tem um propósito ao participar do Pisa. Isso depende de suas políticas públicas. Provavelmente a China gostaria de se impor um alto nível de exigência. Muitas nações desen-

volvidas usam o exame para avaliar seus sistemas educacionais e compará-los com os de outros países. Mas o Pisa analisa outras coisas, como a qualidade do ensino e como os pais cuidam da educação dos filhos. Isso deve ser levado em consideração ao se interpretar os resultados. No caso da China, talvez eles quisessem se mostrar capazes ao resto do mundo. Sabemos que é um país muito diverso, em termos de população, de distribuição de renda, de participação política. E igualdade é um problema crucial para eles. O Brasil também sabe as dificuldades que enfrenta. Não acho que vocês devam sentir que a China está muito mais avançada que vocês.

● **Vários rankings comparam universidades. Em alguns, nossa instituição mais prestigiosa, a USP, nem aparece entre as top 100. Como melhorar o ensino superior?**

Vocês precisam saber avaliar a real capacidade de suas instituições e a importância de aparecer numa tabela com outras universidades. Os critérios dos rankings são úteis para suas universidades? Se forem, vocês precisam descobrir em que aspectos estão realmente atrás.